

Cadernos de estágio

Além da Biografia: uma reflexão sobre Letramento Literário na Educação Básica

Tallyta Misaelly Matias ¹

Informações

1 misaelly.matias.109@ufrn.edu.br

Como citar este texto

MATIAS, Tallyta Misaelly. Além da Biografia: uma reflexão sobre Letramento Literário na Educação Básica. Cadernos de Estágio, v. 8, n. 1, 2026. DOI: [10.21680/2763-6488.2026v8n1ID41303](https://doi.org/10.21680/2763-6488.2026v8n1ID41303).



Rildo Cosson afirma que “[...] a matéria constitutiva do mundo é, antes de mais nada, a linguagem que o expressa” (Cosson, 2007, p. 15). Nessa direção, compreender a linguagem possibilita-nos compreender o mundo. Todavia, a aquisição de uma língua materna e a decodificação da escrita desta não implica efetiva compreensão da linguagem em todas as suas faces. Há nuances que necessitam ser reveladas e que somente um contato íntimo com manifestações literárias pode possibilitar. A aula de literatura deveria colocar o aluno em interação com a língua em suas mais diversas formas de expressão, levando-o a camadas mais profundas de percepção, fazendo-o desvendar suas significações.

2

Para isso, não basta ler. Não basta apenas solicitar leituras durante as aulas ou fora delas. Se estamos em busca de um letramento literário efetivo, capaz de proporcionar maturidade leitora e compreensiva, as aulas de literatura precisam ir além, uma vez que “os livros, como os fatos, jamais falam por si mesmos. O que os fazem falar são os mecanismos de interpretação que usamos [...]” (Cosson, 2007, p. 26). Nesse sentido, Cosson defende que tais mecanismos devem ser ensinados na escola. Os alunos precisam ser levados a pensar criticamente e devem ser capazes de interpretar aquilo que leem. No entanto, infelizmente, a realidade presente em muitas salas de aula destoa desse propósito.

Como aluna de Licenciatura em Lín-

gua Portuguesa, durante o Estágio Supervisionado I, de observação, pude acompanhar de perto a realidade vivenciada nas aulas de Literatura em uma Escola Pública de Ensino Médio, e, de forma geral, o que presenciei resume-se a: poucas aulas dedicadas à Literatura, conteúdo biográfico sobre os autores e solicitação de produção de resumos ou apresentação de seminários sobre algumas obras. Em suma, as aulas estão voltadas para conteúdos informativos sobre literatura, e não para a leitura literária em si. Seguindo por esse caminho, como ensinar ao aluno as múltiplas formas de olhar para um texto literário? Como discutir criticamente sobre as obras, se conhecer a biografia do autor é o ponto principal da aula?

Cosson (2007, p. 29) defende que “ao professor cabe criar as condições para que o encontro do aluno com a literatura seja uma busca plena de sentido para o texto literário, para o próprio aluno e para a sociedade em que estão inseridos”, diante disso, fica evidente que sem uma pausa para reflexões e discussões, não há como promover esse encontro. Letramento literário está além de conhecer escolas literárias e autores. Se nosso objetivo, enquanto professores, é formar leitores capazes de apreender o sentido daquilo que leem, é necessário priorizarmos o contato com a leitura subjetiva. Ivanda Martins (2006, p. 85) defende que, “é justamente a partir dessa interação do aluno com textos que o estudo da

literatura se torna significativo.”

Em uma das aulas em que estive observando, os alunos estudavam sobre Literatura Potiguar. Na aula em questão, foram apresentados cinco autores e suas respectivas biografias. Nenhum texto literário, nenhum poema, nenhum livro físico, nenhum excerto. Apenas autores. Pode-se alegar que o tempo é curto para o conteúdo, e sim, de fato, é. No entanto, precisamos escolher nossas prioridades. E se ao invés de cinco, fossem apresentados apenas dois autores, mas acompanhados da leitura de pelo menos um poema de cada? E se houvesse tempo para discutir ao menos um desses poemas e buscar relacionar as vivências desses alunos com a produção literária potiguar? E se eles conseguissem expressar suas impressões sobre a leitura?

3

No que diz respeito às impressões dos estudantes diante da metodologia abordada, notei duas situações distintas: de um lado, alunos demonstrando desinteresse por terem que passar um tempo considerável copiando as biografias, sem participação ativa na aula; de outro, alunos que, em certa medida, se interessavam por alguns episódios da vida dos autores, sobretudo quando chamavam mais atenção por seu caráter narrativo. Ou seja, alguns eram tomados pelo cansaço de mais uma aula biográfica, e outros, adaptados ao método, buscavam interesse nos fatos relatados das histórias de vida dos escritores. Ao final da experiência, constatei que eles conhe-

ciam o nome do autor, mas, lamentavelmente, desconheciam sua arte.

Para Martins (2006, p. 91), “ensinar literatura não é apenas elencar uma série de textos ou autores e classificá-los num determinado período literário, mas sim revelar ao aluno o caráter atemporal, bem como a função simbólica e social da obra literária.” Mais do que apresentar um texto, é expor a razão de ser deste, sua intenção comunicativa, seu lugar na sociedade. Além disso, o professor deve estar ciente de sua função como orientador no processo de atribuição de sentido, e, dessa forma, não apresentá-lo completamente pronto ao aluno, mas, no processo de construção, considerar o conhecimento de mundo do indivíduo, bem como suas experiências. Em outras palavras, dar voz ao aluno.

Diante do cenário exposto da escola em que estagiei, é possível levantar os seguintes questionamentos: a falta de contato com a leitura de textos literários e a falta de espaço para reflexões e atribuições de sentidos influenciam a capacidade interpretativa dos alunos? Quais consequências ocorrem da negligência do ensino efetivo de leitura literária? Estas questões puderam ser observadas quando, ao retornar à mesma escola, no Estágio Supervisionado II, desenvolvi um projeto voltado para a produção textual.

No primeiro momento em que eles tiveram contato com o gênero trabalhado, propus, antes de qualquer coisa, a leitura de alguns textos para que eles pudes-

sem compreender, através de discussões e reflexões coletivas, a intenção por trás da escrita, além, é claro, de possibilitar uma discussão sobre seu conteúdo. Foi então que percebi uma dificuldade considerável, por parte de vários alunos, quanto à interpretação do que se lia. Demonstrando, desse modo, certa ausência de práticas leitoras interpretativas.

Essa ausência era evidenciada, principalmente, na dificuldade dos estudantes em estabelecer relações mais amplas em suas leituras, inferir os sentidos implícitos nos textos, ou até mesmo posicionar-se criticamente diante do que era lido. Além disso, essa limitação também refletia-se na participação dos alunos durante os encontros, que demonstravam, na maior parte do tempo, insegurança ao expressar suas interpretações, muitas vezes restringindo-se a respostas superficiais ou apenas à reprodução de ideias já discutidas.

Além dessa dificuldade, há outra área que é afetada pela ausência da leitura: a escrita. Segundo Irandé Antunes (2003, p. 76), “a dificuldade dos alunos para escrever tem sua razão de ser, também, no pouco contato que eles mantêm com textos escritos.” Falta-lhes repertório, informações, práticas com a linguagem formal, e isso é perceptível na maioria das produções textuais. O pouco contato com a leitura fica evidente quando, apesar de saberem o que queriam dizer, não sabiam a melhor forma de fazê-lo.

Antunes (2003, p. 76) pontua que

“ter acesso à palavra escrita representa a possibilidade de dominar um instrumento de poder chamado linguagem formal”, diante disso, não se pode, de forma alguma, desprezar ou diminuir o valor das práticas de leitura literária em sala de aula. Não se deve deixá-las de lado como se fossem menos importantes que regras gramaticais. Ter acesso aos níveis de interpretação e aos mecanismos necessários para tal dará aos alunos autonomia enquanto leitores pensantes, e, além disso, lhes possibilitará acesso a um letramento literário genuíno e eficaz.

Assim sendo, aulas de literatura que privilegiam fatos históricos e biografias em detrimento do contato com o texto literário precisam ser repensadas. A interpretação deve ser fomentada e os mecanismos trabalhados paulatinamente. O letramento literário não deve ser considerado apenas como leitura ou conhecimento sobre literatura, mas, como uma porta que, ao ser aberta, enriquece o repertório cultural dos estudantes, capacita-os a exercer sua voz e pensamento crítico na sociedade e permite-os fazer, de forma independente, suas próprias leituras.

Referências

ANTUNES, Irandé. **Aula de Português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

COSSON, Rildo. **Letramento literário:**

teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2007.

MARTINS, Ivanda. A literatura no ensino médio: quais os desafios do professor?. In: BUNZEN, Clecio; MENDONÇA, Márcia (orgs.). **Português no ensino médio e formação de professores**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006, p. 83-102.